

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

ALEXANDRE HERCULANO

Nasceu em 28 de março de 1810 e falleceu a 13 de setembro de 1877, este notabilissimo escriptor portuguez, que foi ao mesmo tempo um lidimo caracter e um fervoroso patriota, rasgadamente liberal, como o affirmou no exilio, nos campos da batalha e depois nos seus livros e acções da vida publica e privada, aquelles e estas repletos das mais salutaes doutrinas e exemplos de honrado e immaculado civismo. A commemoração do 1.º centenario do nascimento d'este varão insigne pelo talento e pelos serviços prestados á patria e ás letras, que a parte mais illustrada do paiz já principiou a celebrar e que proseguirá até aos fins d'este mez, é o pagamento justo d'uma divida sagrada contrahida para com a memoria gloriosa do que soube esculpir em bronze immortredouro as bellezas do nosso idioma, as magnificencias lapidadas por um estudo infatigavel sob a direcção escrupulosa do seu espirito genial.

Não só em Lisboa foi a idéa d'esta manifestação calorosamente acolhida, e impelliu no movimento sympathico as entidades e corporações de maior cathogoria intellectual e de mais alta representação social; mas em muitas outras localidades, no norte e no sul, o pensamento tem sido applaudido e seguido, e a recordação do inclito morto tem sido reavivada nas homenagens de saudade e de respeito que correm a offertar-lhe. Sentimos que o Algarve se haja conservado indifferente a este solemnisimo preito merecido por quem foi, pelo fulgor da penna, além dos predicaes moraes que o nobilitaram, uma verdadeira gloria nacional, um nome que resda victoriosamente nas litteraturas da Europa e da America, despertando nas almas portuguezas o orgulho da lingua e nacionalidade commum. Não é Alexandre Herculano um d'aquelles de quem seja permitido a um compatriota esclarecido dizer sem vergonha: «Os mortos desapparecem depressa»...

Não é para os limites d'um semanario modesto traçar a biographia ou pôr em destaque o merito geralmente reconhecido, d'um vulto assim prestigioso, a quem não faltaram ainda em vida os maiores tributos de consideração, despidos do incentivo de mesquinho interesse, da geração do seu tempo, a quem pelo contrario accudiram á sua solidão voluntaria na quinta de Valle de Lobos, em Azoia, onde exhalou o derradeiro alento, as carinhosas provas d'estima e afeição que certamente lhe dissipariam no animo as amargas impressões que lhe deixara a guerra odienta e rancorosa promovida pelo jesuitismo contra o iniciador consciencioso da *Historia de Portugal*, as-

sente nas bases d'uma sensata e severa critica. Sobre os factos da sua vida, batida durante a mocidade pelos revezes da fortuna e consagrada desde muito jovem ás fadigas da lucubração mental e mais tarde ás consultas dos documentos dos cartorios e livrarias empoeiradas com o pó dos seculos; — sobre as prodigiosas obras, pelo entusiasmo, pelo sublime e tambem pela verdade que transpira d'aquellas luminosas paginas, que brotaram como relampagos esplendidos do cerebro inspirado d'Herculano; — sobre o desapego das vaidades, das honras, das distincções nobiliarchicas, que outros com valor negativo procuram com avidez, e que elle se recusou a aceitar, ainda quando offerecidas por um monarcha seu amigo e admirador, D. Pedro 5.º; — e sobre os primores dos seus romances — *Lenhas e Narrativas*, *Eurico o Presbytero*, *O Monge de Cister*; dos seus trabalhos d'historiador — *Historia de Portugal*, *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, *Historiadores portuguezes*, *Cartas sobre a historia de Portugal*, e outros mais estudos relativos á mesma especialidade; do seu estro poetico erguido ás culminancias do magestoso e do magnifico na *Hayra do Crente*; — sobre todos os rutilos engenhos da sua fecunda imaginação, guiada pela fé e pela probidade, — têm falado com convicção e justiça oradores e escriptores ha muitos annos, em phrase tão levantada como nós por certo nem supporiamos poder fazel-a. Reportamo-nos por isso ao que está escripto por muitas vezes acerca do patriota e do estylista eminente, associando-nos d'alma e coração á apothiose com que o presente centenario lhe engrinalda a memoria eximia.

Da obscuridade do nosso modesto meio levantamos um energico brado, que desejariamos ver proclamar sympathico d'um ao outro extremo da provincia: — *Honra a Alexandre Herculano*.

EURICO E HERMENGARDA

«Minha!... Quem ha na terra que possa roubar-m'a. Annos de tormentos, fortes como um dia de bonança e deleite! Imagem que absorveste esta existencia inteira; anjo que me fazes surgir do meu inferno para o teu céu, tu foste que me salvaste a mim! Oh, como é bom ser feliz!... Tinha-me já esquecido!... Como o sol deve ser agora bello, serena a aragem da tarde, meigo o murmurar do ribeiro, viçosa a verdura do prado!... Tinha-me tambem esquecido! Tens

razão, Hermengarda. Quero viver: o viver é delicioso, porque será contigo... ao pé de ti... a adorar-te sempre, sem me lembrar do que existe, além de ti, no universo. Vem, minha amante, minha esposa! vem jurar que me pertences, perante o altar e aos pés do sacerdote...»

A esta palavra fatal um grito semelhante ao de homem ferido de morte, rompeu agudo e rapido do seio do cavalleiro. A mão d'Eurico abandonou a mão d'Hermengarda, e os seus olhos brilharam com fulgor infernal. Recuou, afastando de si a irmã de Pelagio, sobresaltada por aquelle gesto subitamente demudado, por aquelle olhar ardente e vago. Ella não podia comprehender a causa de semelhante mudança... Com o braço esquerdo estendido, o guerreiro parecia querer arreda-la de si enquanto com a mão confrangida apertava a fronte, como se buscasse esmagar um pensamento atroz que lhe surgia lá dentro.

«Afastate mulher, que o teu amor me perdeu — murmurou emfim. — Ha entre nós um abismo: tu o abriste; eu precipitei-me n'elle. Um crime, só um crime pôde unir-nos...» Fez uma pausa, e proseguiu: «E porque não se commetterá elle? Talvez obtivessemos perdão!... Perda! Oh meu Deus, não o terias o sacrilegio... não! Afastate, Hermengarda. Diante de ti tens um desgraçado que fizeste.»

A donzella uniu as mãos lavada em lagrimas e exclamou:

«Eurico! Eurico! enlouqueceste?... Por piedade, explica-me este horroroso mysterio! Porque me repelles? que te fiz eu... eu que te amo, que sou tua, tua para sempre?»

Mas os olhos scintillantes do cavalleiro tinham amortecido: derribado na lucta que travara com o destino, o seu combater de tantos annos, terminava finalmente. Um sorriso insensato substituiu-lhe no rosto as contracções habituaes de melancolia. Affigurava-se-lhes que em roda d'elle balouçava a caverna, e a luz fumosa da tocha que ardia segura no braço de ferro cravado na pedra parecia-lhe faiscar em fitas cor de sangue. Esvaido, vacillante, assentou-se n'um fragmento da rocha e, estendendo a mão para Hermengarda, pegou de novo na d'ella e com um sorriso indizivel, continuou em voz submissa:

«Dez annos!... Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez annos amarrado ao proprio cadaver? Sabes tu o que são mil e mil noites consumidas a espreitar em horizonte ilimitado a estrella polar da esperança e, quando, no fim, os olhos cansados e gastos se vão cerrar na morte ver essa estrella reluzir um instante e, depois, desfechar do céu nas profundezas do nada? Sabes o que é caminhar sobre silvados pelo caminho da vida e achar ao cabo, em vez do marco milliario onde o peregrino dê treguas aos pés rasgados e sanguetos, a borda de um despeinhadeiro, no qual é força precipitar-se! Sabes o que isto é? E' a minha triste historia! Estrella momentanea que me illuminaste, cabiste no abismo! Arbusto que me retiveste um instante, a minha mão desfallecida abandonou-te, e eu despenhei-me! Oh, quanto o meu fado foi negro!»

Hermengarda contemplava-o com assombro e terror... Como o en-

tenderia ella? Eurico proseguiu: «Olha tu! Ao pôr do sol, no estio, ia eu assentar-me sobre um cerro maritimo, alongando a vista pelo oceano tranquillo, e parecia-me devisar-te desenhada na atmosphera a sorrir-me. Então as lagrimas de felicidade condensavam-se a meio das faces e queimavam como se fossem de metal candente. A horas mortas, correndo pelos desvios, quando o vento açoutava os arbustos enfezados da montanha, cada sombra que se meneava ao luar, sobre o chão pardacento, era a tua sombra que eu via. Outras noites em que mais tranquillo podia, a sós comigo, engolfar-me nos pensamentos de Deue, a tua imagem vinha interpor-se entre mim e a lampada mortica que me alumia e o hymno do Presbytero de Carteia, que devia, talvez, esquecer-se nos hymnarios das cathedraes da Hespanha, ficava in completo ou terminava por uma blasphemia; porque, tambem, te via sorrir, mas a outrem, mas a homem feliz com o teu amor e eu tinha então sede... sede de sangue... Era uma lenta agonía! E sempre tu ante mim: nas solidões das brenhas, na immensidade das aguas, no silencio do presbyterio, nos raios esplendidos do sol, no reflexo pellido da lua e, até, na hostia do sacrificio... sempre tu!... e sempre para mim — impossivel!»

Mas deliras!... — Interrompeu Hermengarda. — Que tens tu com o Presbytero de Carteia; com esse illustre sacerdote, cujos hymnos sacros reboavam ainda lia pouco pelos templos da Hespanha, e a quem, decerto o ferro impio dos arabes não respeitou! A tua gloria é outra e mais bella; a gloria de seres o vencedor dos vencedores da cruz. A sua era santa e pacifica. Deus chamou-o para si, e tu vives para ser meu. Ninguém existe hoje no mundo que possa embaraçal-o. Esquece o passado; esquece-o por amor de mim!»

O cavalleiro sorriu de novo dolorosamente e disse-lhe: «Que tenho eu com o Presbytero de Carteia?... Hermengarda, lembra-te do seu nome?»

Os labios da donzella fizeram-se brancos ao ouvir esta pergunta: um pensamento monstruoso e incrível, lhe passára pelo espirito. Com voz affogada e quasi imperceptivel replicou:

«Era... era o teu, Eurico!... Mas que pode haver commum entre o guerreiro e o sacerdote? Que importa um nome... uma palavra... que...»

O cavalleiro pôz-se em pé e, deixando descair os braços e pendendo o rosto sobre o peito murmurou:

«Ha commum, que o guerreiro e o presbytero são um desgraçado só!... Importa que esse desgraçado é n'este momento um sacerdote sacrilégio. O pastor de Carteia...»

«Oh, não acabes! — interrompeu Hermengarda, com indizivel afflicção.

«Era Eurico, o gardingo!»

Proferindo estas palavras, que explicavam o mysterio da sua existencia, o cavalleiro negro viu cahir como fulminada a filha de Favilla. E elle não se moveu. A sua imaginação tresvariada affigurou-lhe perto de si o vulto suave e triste do veneravel Sesiberto, que estendia a mão mirrada entre ambos, como para os dividir em nome da religião, que os devia salvar e do se pulcro, a quem pertenciam!

Alexandre Herculano

Volta ao mundo... em poucas linhas

A Alsacia Lorena vai ter a sua autonomia politica. Annuncia-se que o chefe do novo Estado será um dos fillos do Kaiser ou um dos principes Hohenzollern, fillo da infantia portugueza D. Antonia.

Partiu do Cairo para a Europa o ex-presidente dos Estados Unidos Roosevelt.

Morreu em Paris o poeta Jean Moréas.

Reuniu em Paris o 3.º congresso internacional de physiotherapia.

Será brevemente inaugurada, em Hespanha, a rede telefonica internacional de comunicação directa com Paris, e cuja estação central ficará em Saragoça.

Vão reunir em Bruxellas um congresso internacional de sciencias administrativas.

Continua o Etna a vomitar fogo por 14 crateras.

Vão ser ofendados os bens de Ferrer e que lhe haviam sido confiscados antes de ser fuzilado.

Falleceu o maestro Colonne.

Em Tenerife estão já alguns scientificos e esperam-se ainda mais para o se observarem a passagem do cometa de Halley.

Falleceu o visconde Melchior de Vogué, membro da Academia Franceza.

Falla-se numa proxima visita do rei de Inglaterra a Lisboa.

Recomeçou o cholera em S. Petersburgo.

Está constituido o novo governo italiano, da presidencia do sr. Luzzati.

Em Moçambique passou um cyclone que causou prejuizos importantes.

N'um baile campestre d'uma povoação da Hungria deu-se um incendio que causou a morte a 400 pessoas. A maior parte das victimas são rapazes e repargas da pouca idade.

Os engenheiros srs. Pestana Girão e Gançaves Moreira entregaram já o seu relatório e competentes plantas á cerca das alterações no regimen das aguas, por motivo da construcção da ponte ferrea sobre a ribeira do Almargem, no lanço de Tavira a Cacella.

IMPrensa

O *Silvense* é o titulo de um novo confrade que no domingo ultimo entrou na liza, batalhando independentemente em prol dos interesses e do progresso d'este abençoado rincão algarvio para quem a Natureza é prodiga de galas e esplendores, mas para quem os governos tem sido sempre sáfaros de benesses e attentões. Vem de Silves, a velha capital mourisca e traz como seu proprietario e director um nome que por si só é a consagração de um dos mais fortes e audazes espiritos de iniciativa que a nossa provincia tem conhecido: Gregorio Mascarenhas.

Seja muito bemvindo o nosso camarada, a quem desejamos longevidade e vida prospera.

Na povoação visinha de Isla Christina mais vulgarmente conhecida entre nós por Figueirita, iniciou ha dias a sua publicação um semanario noticioso e litterario, *La Isla*, defensor dos interesses d'aquella laboriosa povoação hespanhola. E' muito bem dirigido e excellantemente impresso, com um formato apreciavel, em forma de revista e inserindo uma illustração por cada numero.

Agradecemos a visita.

Depois de alguns mezes de suspensão reapareceu a folha republicana de Loulé, *O Povo Algarvio*.

6 nosso Algarve

OS EXCURSIONISTAS

Hymno á Primavera — Sol e chuva, estiagens, em abril
aguas mil — Affluem os forasteiros ao Algarve — Uma
excursão por preços baratissimos — O Sul e Sueste,
quando quer, tambem tem bom senso — Cruzam-se os
excursionistas em todas as direcções — O que elles vi-
ram e o que elles não viram — Pouca antecedencia no
annuncio da excursão — O que se deve fazer de futuro
— A eterna questão dos hotéis.

Surgiu risonha a primavera, com dias esplendidos de calor e luz n'esta provincia abençoada, prometendo uma colheita regular de fructos das hortas e pomares. A natureza vestiu-se de louçanias para festejar o advento da nova estação, embelezando os campos com verduras e flores, de que se adorna o nosso solo em saudação a esta quadra deliciosa do anno. Oxalá que não fiquem baldadas as boas esperanças que os agricultores algarvios formulam, e contra as quaes se podem levantar as estiagens de que começámos a soffrer nos ultimos tempos. A fertilidade da nossa terra depende d'uma providencial distribuição dos benefícios da chuva e do sol durante os mezes que se seguem, principalmente no presente, em que devem vir, segundo um velho aphorismo, aguas mil, reguladas com alternativas de temperatura quente, para promover a fecundação e crescimento das novas plantas, o vicejar dos seus gomos e a circulação desembaraçada da seiva vivificadora. E' já bem occasião de que o Algarve deixe de soffrer os rigores das intemperies que têm affligido a sua vida agricola, pelos dois exremos das inundações e das seccuras excessivas, lançando a miseria em todos os ramos d'actividade que se prendem, de perlo ou de mais longe, com a faina rural.

Esperemos agora no futuro que se nos offereça garantindo mais prosperas condições de melhoria economica, — não porque a iniciativa dos homens nos traga affirmativas de maior desenvolvimento material, mas somente fiados na bondade do clima que nos incita a vencer os desalentos apesar das longas contrariedades padecidas.

A decura natural climática desta região do sul vai já sendo conhecida e apreciada cada vez mais pelas diferentes provincias do paiz, sem embargos de extrema pobreza de meios de comunicação, commodos, facéis, e regularmente convidativos, que a ponham em relação directa com ellas. Assim, quer por terra e ainda mais pela via marítima, a visita dos forasteiros a esta zona torna-se laboriosa, massadora, sem os attractivos do conforto requeridos n'uma terra civilisada, e o trajecto pelos pontos de maior interesse pittoresco na provincia chega a ser impossivel pela ausencia de estradas devidamente macadamizadas, exigindo outras sacrificios de tempo e de dinheiro aos que emprehem essa travessia, tornando assim fastidiosa. Pois a despeito d'essas desvantagens, que os governos e as camaras municipales podiam ter ha muito remedado, vai augmentando successivamente, o numero dos visitantes do Algarve, reirando-se todos com impressões agradaveis pelo que viram, e com vivo sentimento pelo que não lhes foi permitido gosar em vista das difficuldades do accesso. Todos se despedem saudosos da suavidade da temperatura, das magnificencias da producção vegetativa, da belleza dos panoramas, da corteza affabilidade do nosso povo, e muitos cubiçariam fixar aqui a sua residencia temporaria ou definitiva, se aqui podessem assentar tambem as condições do bem estar que os grandes centros onde vivem lhes permittem e que não poderiam fruir onde o progresso vai ainda com o avançar negativo do caranguejo.

Recentemente vimos um exemplo do afan notavel com que de fóra d'esta zona se procura adquirir conhecimento mais intimo das suas bellezas naturaes e do viver honrado e pacifico dos seus habitantes. Bastou que a direcção das linhas do Sul e Sueste facultasse passagens baratas para uma excursão ao Algarve, para que uma grande turba de visitantes se dirigisse a todos os pontos da provincia, servidos pela linha accelerada ou proximos, de barlavento a sotavento, e se aproveitassem tanto quanto puderam da concessão que lhes era feita. Grande parte das nossas povoações principaes viram passar grupos d'excursionistas, contentes com a digressão, admirando os nossos campos, enlevados na riqueza copiosa dos productos dos nossos terrenos, inebriando-se na contemplação dos quadros de perspectiva que lhes prendia a curiosa attenção, e lamentando somente que a incuria dos poderes publicos tenha deixado em criminoso abandono este formoso jardim que deveria ser attendido como uma das mais primorosas joias do paiz. E o que diriam elles se podessem ver o resto, onde a vegetação medra mesquinha, onde a industria, o commercio e as artes são nulas, onde os melhoramentos faltam por completo, tendo por causa primaria o desdem dos dirigentes associado á indifferença da iniciativa particular?

Bem procedeu a direcção dos caminhos de ferro estabelecendo n'esta occasião as passagens baratas para o fim d'esta excursão; e parece-nos que, animada pelo exito da sua idéa que deve ter sido de resultados felizes, deve voltar repetidas vezes a facultar a viagem em condições identicas. Apenas estranhámos que mais cedo não tenha fixado a data da digressão, para dar tempo aos algarvios de se prepararem para acolher mais galhardamente os seus hospedes. E' o que tomamos a liberdade de representar-lhe, esperando ser attendidos no primeiro ensejo que se apresente.

Uma das deficiencias que elles sem duvida não de ter notado, é a dos hotéis, commodos, hygienicos, confortaveis, porque esses estabelecimentos, taes como deviam ser em regra para attrahir os forasteiros, faltam absolutamente entre nós. Uma cidade ou uma villa sem um hotel, convenientemente preparado com aquelles elementos convidativos da affluencia, não pode ser muito procurada, e quando uma vez o é por acaso, o descredito vão longe e desvia os futuros visitantes. Temos registado este facto uma e mais vezes em artigos sob esta mesma epigraphe. O proprio interesse pecuniario dos proprietarios dos hotéis devia fazer-lhes comprehender a verdade do que asseveramos.

Sempre são horas de obviar á continuacão do mal que nos faz soffrir; sempre é momento proprio de sanar o alquebramento do vigor laborioso, e de ir na consulta generosa da receita contra o enervamento e solidão em que nos temos ou nos têm mantido. *Sursum corda!* Elevemos o espirito, trabalhando por nós proprios e reclamando o auxilio e applicação alheia, para que consigamos, por todos os meios e recorrendo até aos ultimos expedientes, fazer sahir da obscu-

ridade humilhante este vergel perfumado do sul de Portugal, tão esquecido, e aliás tão digno de valiosa protecção!

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos :

Hoje, 3—D. Candida Guerreiro Carapeta, Marcelino Carlos, José Ricardo Judice Samora Barros, Justino Lucio Ferreira Chaves.

Segunda, 4—João Judice de Vasconcellos, visconde de S. Bartholomeu de Messines.

Torca, 5—D. Faca Domingues, D. Maria Adelia Pacheco Tavares.

Quarta, 6—D. Leopoldina Amelia Peres Padilha, Godofredo do Carmo das Neves Barreira, José Vaz Mascarenhas, Antonio de Figueiredo e Mello.

Quinta, 7—D. Francisca Bernarda Soares de Araujo, D. Maria Justina Fialho, D. Theroza Leote Cavaco, D. Maria Candida da Mendonça Campoe, Francisco dos Anjos Marinho.

Sexta, 8—D. Maria Amelia Franco Judica, João Jacintho das Doreas e a menina Anna Mari Pacheco da Gloria.

Sabado, 9—D. Maria Bamos Pinto, Eduardo Caldeira d'Araujo, Joaquim Antonio Pacheco Jr., José Manoel de Abreu e a menina José Valariano da Gloria Pacheco.

Na manhã de segunda feira retiraram para Lisboa os srs. João Guerreiro e Eduardo Santos, alumnos da Escola do Exercito.

Chegou a Tavira no sabbado de Alleluia e regressou a Lisboa na terça feira o agronomo sr. Luiz de Mello a Sabbo.

Na terça feira regressou a Lisboa o sr. João de Matos Cruz, amaense do ministerio do reino.

Na segunda feira chegou para Lisboa o sr. Francisco Antonio Ramos, tenente da guarda fiscal em Alcoutim. Regressou já.

Encontra-se já n'esta cidade o novo tenente de infantaria sr. Augusto Cesar Mascarenhas, que estava servindo na guarda fiscal em Villa Real de Santo Antonio.

Está justo o casamento da sr.^a D. Marianna Vasco Mascarenhas, filha do sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas, reitor do lyceu do Faro, com o sr. Eduardo da Fonseca Salter da Sousa, official do exercito.

Na quarta feira partiram de Villa Real para Lisboa os srs. Shuliz Xavier, official da armada, engenheiro José Ribeiro d'Almeida, capitão Francisco Faria Teorrio e Sebastião Ramirez e familia.

Acompanhado da sua familia passou a semana santa n'esta cidade e regressou a Lisboa na segunda feira o nosso patricio sr. Marcelino Soares, escrivão ajudante do Tribunal do Commercio da capital.

Acompanhado de sua filha D. Isaura regressou na segunda feira a Faro o sr. Augusto Christovão da Conceição, official de fazenda, qua viera passar n'esta cidade as festas da semana santa.

Regressou de Castro Marim a Faro na segunda feira o sr. José Antonio Mimosa Falsca, official da fazenda.

Acompanhado de sua esposa retirou de Villa Real para Olhão na quinta feira o sr. Viriato Guerreiro, aspirante da infantaria.

Entrou am franca convalescença o sr. Carlos Barrot, da Faro.

Em casa da sr.^a D. Julia Chetmicki Samora Costa Gomes, qua acompanhada de sua mãe regressou ha dias de Albufeira a esta cidade, encontra-se sua prima D. Alice Pimentel, d'aquella villa.

Chogaram da Aveiro a Faro, teccionando passar ali alguns mezes, o sr. José Liborio Ferreira e sua esposa D. Rosa Fernandes do Almeida Liborio.

Regressaram de Faro a Lisboa os srs. João Maria da Freitas e José Mendonça do Freitas.

A fim de continuarem em Mafra o tirocínio para o posto immediato partiram para ali na quarta feira os sargentos da infantaria 4 srs. Mendes e Triodade.

Deu á luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Theroza de Figueiredo Mascarenhas, esposa do tenente da guarda fiscal am Portimão sr. Henrique Vaz da Mascarenhas.

Regressou a Monchique o escrivão notario d'aquella camara sr. Bernardo Judica que viera a Faro passar com seus filhos e ganro a festa da semana santa.

Deu á luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Alice Ermida Parreira, esposa do nosso distincto camarada de imprensa sr. José Parreira.

Regressou de Faro á capital, com sua esposa, o sr. Joaquim Matos de Oliveira Miranda.

Chegaram na sexta feira a Villa Real do Santo Antonio os srs. engenheiro Manoel Roldan o dr. Armelin Junior.

Do Vizeu, onde esteve de visita a seu filho, regressou a Monchique o sr. Frederico de Castro.

Está em Lisboa o sr. dr. Silvestre Falcão.

Chegou a Lagos no dia 30, com sua esposa e

filho, o commandante de infantaria 17 sr. Adelino Caudido Ferreira Brak Lamy.

Esleve alguns dias n'esta cidade o rev. prior de Albufeira sr. Romão.

Pelo sr. Francisco do Carmo Dias foi pedida em casamento para seu filho sr. João de Sousa Dias, a sr.^a D. Valeria da Silva Nobro Madeira, de Paderoo.

Regressou de Lisboa á Mexilbaeira da Carregação o sr. Pedro A. Judice.

Foi a Lisboa o sr. Antonio Affonso de Carvalho, capitão do porto em Olhão.

Ao 2.^o tenente da armada sr. Marcelino Carlos foi concedida auctorisação para consorciar-se com a sr.^a D. Marianna do Carmo Corroia.

Acompanhado de sua familia regressou do Algez a Loula o dr. Marreiros Netto.

Regressou a Lisboa o 2.^o tenente da armada sr. Manoel Alberto Soares, que em Olhão viera passar junto de seus paes a semana santa.

Continua muito doente, a esposa do sr. Alvaro Mendes Torres, secretario da administração d'este concelho.

Deu á luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. dr. Bernardo Moreira da Silva, medico am Monchique.

Em consulta medica aos seus soffrimentos partiram na sexta feira para Lisboa o sr. Antonio Gil Cardeira e sua esposa, da Conceição.

Retirou para a capital o tenente sr. Joaquim dos Santos Correia.

No rapido de hontem regressaram de Lisboa á sua casa do Silves os srs. viscondes da Ponte da Barca.

Está já n'esta cidade o novo alferes d'infantaria 4, sr. Porphyrio Alves d'Athyde Pimenta.

Tem feito conferencias de propaganda em algumas localidades algarvias o conhecido socialista sr. Sá Pereira.

É de seis paginas o presente numero do Herald.

OS QUE MORREM

Falleceu ha dias em Lisboa o sr. Oscar Leal, brasileiro ha muitos annos residente em Lisboa onde possuia um consultorio dentario. Em digressão profissional percorreu muitas vezes o Algarve, sendo por isso aqui muito conhecido.

Era escriptor e viajou muito, tendo deixado em varios livros as impressões colhidas n'essas viagens.

No dia 29 falleceu em Portimão a menina Alice Cruz, de 12 annos de idade, filhinha muito estremeçada do nosso estimavel amigo sr. João Bento da Cruz, escrivão de fazenda d'aquella concelho. A noticia d'esta morte sensibilizou profundamente a população d'aquella villa e disse foi prova a concorrencia do funeral realisado no dia immediato. Encorparam-se n'elle multissimas pessoas de todas as classes, tendo pegado ás borlas do caixão os srs. Manoel Monteiro Mascarenhas, Luiz Negrão Vieira, José Santos Ribeiro, Antonio Pedro Martins Junior, José Avellar Basto e Antonio Horacio Teixeira Junior.

Sobre o caixão foram depositas as seguintes corôas e ramos de flores: Corôas de violetas brancas, rosas e feios, com fitas de setim branco: *A sua estremeçada netinha, sobrinha, filhinha e irmã, Alice Cruz—Prova de saudade infinda de seus desolados paes, irmãos, avós e tios.*

Corôa de violetas, rosas, saudades e myosotis, com fitas de setim: *A sua querida Alice—Saudade de seu tio Manoel.*

Corôas de violetas brancas, rosas e lilazes, com fitas brancas de moirée françadas a ouro: *Maria, Viola de Sousa e suas filhas offerecem como reordação de eterna saudade.*

Grinaldas e ramos de flores de Hortense Matheus, Anna Affonso, Francisca E. R. da Paz, Judith Leotte M. Sant'Ana, Maria Antonia e Riita, Lucinda Trindade, Leonor Callapez, Amalia Pio, Maria José Amado e Maria Alves.

ALBERTO DE SOUSA COSTA

AUGUSTO DE CASTRO

ADVOGADOS
RUA DO CRUCIFIXO, 16, 1.^o—LISBOA

CARTA DE FARO

SCIENCIAS, ARTES E INDUSTRIAS—AS NESPERAS, O «MADAMISMO» E A PROPOSTA DO SR. NETTO—A TAÇA DO REI DE THULE E O EXTINGTO LYCEU DE FARO—BARBAROS, «GANHÕES» E «POLITICAHOS»—ULYSSES DE CONTRABANDO E TOLICES DE LABITA—PREGAÇÃO AOS «PAPÁS»—AGUA BENTA, CABULOGIA E O RUBICON DOS EXAMES—DECADENCIA, FERIADOS E BIRBANTES—SALAMALEQUES, A SORTE E O DEMONIO DO ACASO—A BURLA DA INSTRUÇÃO SECUNDARIA—SEUS CARACTERES FISIOLOGICOS—O QUE DIZ O SR. HOMER CRISTO E O QUE NÓS ACCRESCENTAMOS—PONTUALIDADE... ALLEMÁ—TRES LYCEUS E NÃO UM SÓ—AVESTRUZES, CONSELHOS E LARACHAS—A TYRANNIA MENTAL, A MOCIDADE ESPERANÇOSA E A IMBECILIDADE DOS PEDAGOGOS MARABUS—ETC. ETC.

Não serei eu quem contrarie o progresso das Sciencias, das Artes ou das Industrias.

Longe de mim o mais leve pensamento reaccionario.

Acima de tudo prezo o engrandecimento desta provincia e a civilisação dos seus povos.

Ver nos periodicos noticiada a fundação de um *Pedagogium* em Cachopo ou um *Athenaeum* em Porches, seria a maior das minhas alegrias!

Vem tudo isto a proposito do assumpto mais palpitante da actualidade, agora que na praça apparecem as primeiras nesperas e o *madamismo* já vae botando trajos leves.

Trata-se da elevação do lyceu a central.

Disseram os jornaes que o sr. Netto apresentara em côries a proposta para esse melhoramento.

Não lhe queremos mal por isso, se bem que não percebamos o que semelhante bemfeitoria representa de util para esta nobre cidade da Virgem, nas actuaes circumstancias.

Serão as Sciencias, as Artes ou as Industrias que vão progredir?

Não se julgue fóra de proposito ou chalaça uma tal pergunta.

E' que varias *sciencias, artes e industrias* (tudo com minusculas), ali se albergam no estabelecimento da Alameda!

Como o celebre rei de Thule que possuia uma linda taça, Faro leve, outr'ora um lyceu.

Mas foi our'ora. Foi antes da invasão do barbaros; foi muito antes da profanação do augusto templo da... Sabedoria pela horda dos *ganhões*, descarada e pausadamente protegida pelos *politicahos* indigenas!

Inerinos, havia dois ou tres, que briosamente acompanhavam, embora a meios preços, a acção benéfica dos effectivos...

Não tinham ainda aportado ao lyceu, carregados de sapiencia, certos Ulysses de... contrabando, ou melhor, certos *Tolices de labita* e grandes sapatorras gallaicas.

Não bailavam ainda, pelas aulas, em ademanes de gentil flamenga, foragidos do internato dos hospitaes e, para cumulo de venturas, até nem estava ainda em evidencia certo *typorio* que todos nós muito bem conhecemos e que, não tendo sido ainda, ao tempo, assoprado pelo sr. Embirra nem pelo seu fiel *Achates*, lá ia ruminando, como Deus era servido, as suas linguas vivas que *inté parecem linguas mortas* na phrase pittoresca do sa... christa lá da casa.

Mas agora tudo mudou e a tal ponto que é caso para meditar se será um bem ou um mal a elevação do lyceu a central.

Rima e é verdade.

No primeiro repente estou já d'aqui a ver os *papás* egoistas que desejam ver os seus dilectos *reben-tos* diplomados o mais breve possível, responderem *una vocce*:

—E' um bem!

Pois sim, carissimos *papás*, será um bem para os vossos *pés de meia*. Poupareis alguns cobres.

Se tendes influencia politica, lograreis beneficos chuviscos de *agua benta* capazes de tirar as nodos, por maiores que sejam, da *cabulogia* do vosso rapazelho.

Vel-o-eis, mesmo, passar sem custo o *Rubicon* dos exames.

Mas... e depois?

Desejaes um filho illustrado ou pretendeis ter em casa, talvez dentro de uma redoma de vidro, um cretino cheio de diplomas?

Tende juizo.

Doutores na Asneira e na Sciencia burros não faltam por este mundo de Christo e até neste lindo Algarve.

—Pois sim! Tenham elles um diploma e tudo se arranjará.—dizeis vós.

Infelizmente, tendes uma certa razão mas... não sois patriotas, ó veneráveis papás!

Nós, portugueses, temos a obrigação moral de honrar as tradições gloriosas que nos legaram.

Isto de cada um procurar, o mais commodamente possível, sem canceiras nem apoquentações, um bom lugar á mesa do orçamento, também ha-de acabar um dia.

Por tal ter sido, ha uns tempos a esta parte, a nossa geral orientação é que estamos a pedir chuva, e na mais miseravel das decadencias.

Está tudo tão em baixo que até já os estudantes protestam contra o excesso dos feriados!

Bem sei que, com justiça me podeis objectar que neste *florescente* paiz *quem mais faz menos merece*, mas eu, conscio de que digo uma grande verdade, responder-vos-ei que nada iguala o praser resultante do dever cumprido.

Quando se é um birbante, por mais sorrisos, por mais salamaleques, por mais blandicias que a Sorte nos offerte, tarde ou cedo o demonio do Acaso nos põe a calva á mostra.

E' uma simples questão de tempo que nos poupa o trabalho, algo repugnante, de biographar certos *ma... lacuecos...*

Mas, vejamos a sangue frio, pondo de parte os *pedagogos marabús*, o que é isto da instrução secundaria neste paiz abençoado.

Não sabeis. Eu vol-o digo:

E' uma burla!

Pois é. Uma grandissima burla, uma burla de tal ordem que cada rapazello que ultima o seu curso representa uma serie de individuos burlados!

Estaes *banzados*? Julgaes-me por ventura atacado pela phobia de *dizer bem* que tanto affecta o meu importante compadre Charivari?

Oh! Antes assim fosse.

Antes não fosseis verdadeiras cruas e de uma rijeza de *pau do ar*, as que vos digo!

O primeiro burlado é, em regra, o *papá* do estudantinho; o segundo, o proprio estudantinho; o terceiro, o seu professor de primeiras lettras e assim por diante.

Quereis que vos explique a fisiologia d'estas burlas? E' facil.

O *papá* do jovem é burlado porque gasta um dinheirão em livros, propinas e explicadores e o seu esperancoso mancebo ao concluir o curso está tão, adeantado como quando saiu da classe infantil!

Os mestres são burlados porque julgam estudioso o mancebo e elle só apresenta nas aulas o trabalho dos explicadores pagos pela *paternidade*.

E, por fim, direi que o joven é também, por sua vez burlado, pelos mil professores que durante o seu curso é obrigado a aturar.

No mesmo anno lectivo, sentam-se, ás vezes, mais de sets na mesma cadeira, cada um com o seu methodo e os seus livros predilectos...

Só a forte dose de ignorancia que trazem na lombeira é que consegue, muitas vezes, equalar-os no espirito do discipulo.

Segue-se, pelo exposto, que em regra, um escolar está mais bruto no fim do curso que quando a sua respeitavel mamã o arejou para este mundo.

Mas, visto que generalisamos o assumpto, demos a palavra ao *republicano* Homem Christo, recordando da secção *Factos e Criticas* este pedacinho de oiro do seu *Povo de Aveiro*...

«O maior mal da instrução secundaria é a anarchia brava em que vivemos...»

Os professores não explicam, em

regra, uns porque não sabem, outros, na maioria, porque não querem. Ha professores que faltam extraordinariamente, uns porque são medicos com doentes, outros porque são advogados com clientes, outros pelo inferno.

Muitos delles não sabem nada porque não são professores de curso. São professores interinos, *admitidos por empenhos e não escolhidos pelos seus merecimentos*.

Já se vae para professor do lyceu, como se vae para a alfandega. Um sujeito que quer ganhar uns cobres, arranja a ser professor do lyceu como arranjaria ser empregado nas obras publicas ou no sêllo. E' uma tremendissima pouca vergonha, mas contra essa não falla nenhum dos papeis que tanto se esfalfam a gritar contra a lei da instrução secundaria.

Isto, excluindo as louvaminhas aos *effectivos*, bate certo e parece escripto para Faro.

Mas não vá daqui concluir-se que tudo pelo lyceu seja *cretinagem*.

Não, srs. Ha professores *effectivos* encanecidos no serviço, que sabem do officio e não teem maculas na conducta austera e ha também *interinos* sabedores e que cumprem o seu dever, mas estes, constituindo uma pequena minoria, nada podem contra a imbecilidade dos restantes, dos taes *ganhões*, quer *effectivos*, quer *interinos*, daí o mal.

Isto de estabelecimentos de ensino são como os *orpheons*, só agradam afinadinhos.

Ora nós ainda temos tanto nos ouvidos a desafinada berrata que os taes senhores pedagogos fizeram no começo deste anno lectivo que nem o zelo do impecabilissimo sr. Antonio, nem o seu desentranhado affecto aos serviços secretariaes, em que tem sido de uma *pontualidade*... allemã, logram fazer-nos encarar a serio o estabelecimento da Alameda.

Fallaremos... Mas o sr. Netto obstina-se, empenha-se em elevar o lyceu a central.

Se o conselho é dos seus aves-tuizes, siga-o que é dado de boa fé e S. Ex.^a nunca se deu mal com *passaros*.

Se lh'o deram os seus fiel e infiel Achates, mande-os bugiar que ainda está a tempo.

Em principio, não pode negar-se que um lyceu central, na capital do districto não seja um bem.

Pode-se e deve-se até ir mais longe.

A provincia carece de tres lyceus. Um, central, em Faro, dois nacionaes, um em Lagos ou Silves e outro em Tavira.

Então sim!

Mas para que a acção dos lyceus resulte proficua é preciso excluir os *pedagogos marabús*, os *ganhões* e pôr lá gente que ensine.

Arranjar lyceus para importar *effectivos* que sejam simples *maduros* diplomados; ou nomear *interinos* que vão aprender com os alumnos é puro carnaval, é mera bexigada, é disparate monumentalissimo!

O sr. Netto deseja ser util á sua provincia? Liberte da tyrannia mental a que está submettida, toda a esperancosa mocidade academica.

Olhe que são os homens de amanhã que os *pedagogos marabús* estão modelando pelo figurino da propria ignorancia e imbecilidade!

Agora se deseja que neste abençoado reino dos Algarves augmente a legião dos pedanies, dos ignorantes e dos burros, deixe correr o marfim...

Tambem nós deixámos correr a penna e assim tomos pregando uma enorme, uma estopante maçada aos nossos estimaveis leitores.

Seja tudo pelo amor de Deus!

Senanpidio.

JOSÉ PARREIRA

Passa no proximo sabbado o aniversario natalicio do nosso presado amigo e comprovinciano sr. José Parreira, distincto escriptor e jornalista que ao *Heraldo* tem dispensado, muitas vezes, a sua interessante e apreciavel collaboração.

CARTA DE LISBOA

PASCHOA FLORIDA

Semana Santa, Semana Santa!

A egreja catholica celebra a dolorosa e lugubre tragedia do Golgotha, aliando á liturgia supplice da Eterna Dôr a liturgia pantheista da Primavera que vem fertilizando a terra, enchendo os corações de esperança e as almas de Paixão.

O espirito religioso envolve, n'estas horas de prece, toda a natureza com seu hálito de incenso. O proprio céu, tão rutilo e brilhante nos dias anteriores, como que, hoje, no momento em que escrevemos estas linhas (Quinta feira de Endoenças) se véu de uma suave turbacão; como que o sol esplêndido das manhãs que precederam a semana santa, empallidece. E mercê da funda e avassalladora tristeza em que a nossa alma mergulha, a propria paisagem se transforma deante dos nossos olhos doridos e se as flores vicejam—as primeiras rosas que desabrocham e as derradeiras violetas que arroxieiam—dir-se-hia serem a homenagem intima e mysteriosa das seivas, das sementes e das raizes, de tudo o que é humilde e vive, como a propria uncção no ainago das almas, no fundo piedoso da terra.

Semana Santa, Semana Santa!

Vae-se desenrolando a tragedia lugubre. Os grandes templos, as egrejas, como as pequeninas capellas á margem dos caminhos, na aberta das azinhagas, celebram, com commovente ritual de sempre os episodios compadecidos. As almas, como os corpos, dentro de nós ajoelham, e na voz soluçante, no piedoso fervor das orações, das preces e das litánias a figura palida e macerada, o symbolo augusto da Eterna Dôr, passa na evocadora luz sinistra dos calvarios. Quinta feira de Endoenças, Sexta feira de Paixão... O scenario agora é mais tétrico, mais doloroso ainda—é a hora mortuaria, a hora suprema das agonias, e de novo, por este periodo de primavera renascente, por toda a natureza, como se uma occulta transfusão se desse, das almas para as coisas; do ambiente discreto em que o espirito mergulha, para a atmosfera em que o sol rutila e o luar clareia, as arvores reverdecem e as fontes murmuram, como se n'esta occulta transfusão o deus Pan, o deus das selvas e das florestas, ordenasse a paz, o silencio e o recolhimento.

Por toda a linda e florida provincia, nas mais afastadas e rústicas aldeias, não ha altar que se não encha de flores como não ha tugurio nem cabana humilde de pastor que ao accender o fogareo para a ceia, não tenha sobre o pinho da arca um ramo devoto perto de uma imagem.

E a figura pallida do Redemptor caminha, e quando a noite desce—jogando sobre a unica os soldados—o rosto ensanguentado pende no estertor e na morte.

Semana Santa, Semana Santa!

Sabbado d'Alleluia. Resurreição.

Nas almas, como nos templos, como na natureza, de novo a luz esplende e doira. A primavera retoma o seu prestigio unico e incomparavel e já pelos lares vae o alvo-roço dos dias risonhos, em que toda a familia se junta em torno da mesa para a celebração da felicidade e da esperança.

Em Portugal, talvez como em paiz nenhum do mundo, a não ser na catholica Bertanha, estes dois periodos do anno: o Natal e a Paschoa, teem um salutar perfume de bondade que contagia e que faz com que a vida seja semelhante a um bello sonho e a uma alvorada limpida.

A provincia portugueza festeja a Paschoa, passando o periodo religioso em torno á mesa. Como quando do Natal, de longe veem os parentes e os amigos. Come-se, fala-se, recorda-se... Recordam-se os que, ausentes, vivem, no entanto, aquella hora, na mesma communhão de saudades e de alegrias: recor-

dam-se todos aquelles que se partiram para longiquas terras, e de lá, na suave evocação da época festiva n'aquelle mesmo momento, n'aquelle mesmo minuto, de olhos fitos no horisonte claro, compõe mentalmente o quadro commovedor e simples. Os sinos tangeem a espaços pelas quebradas. A tarde cabe placidamente e a festa é de todos—e para todos—ricos, mendigos ou vagabundos errantes, gente feliz e gente desgraçada.

Semana Santa, Semana Santa!

E a primavera fulge. Ao brilho estonteante do sol vem juntar-se agora a estonteante alegria dos corações e só os que estão longe podem, á luz da nostalgia, comprehendê-lhes o suave e incomparavel encanto—d'esta dupla visão maravilhosa que n'este cyclo do anno em Portugal revive: na natureza, a primavera; nas familias, a Paschoa que é uma outra primavera também.

Mas para os que não vieram, para os ausentes, uma outra luz os doira ainda—a luz consoladora! a luz perpétua da saudade, a certeza que, n'esta Paschoa florida, ninguém os esqueceu e a pesar das cem, das mil, das incontaveis leguas que os separam da lareira onde as alegrias crepitam, todos, em torno a ella, os lembraram.

E uma velhinha tranzida, mãe ou avó, talvez, ha de, por certo, tel-os abençoado.

Semana Santa, Semana Santa!

A PROVA:

Rua de S. Bento, 8, Villa do Conde, 2 de Junho de 1903.

Devido a constipações intermittentes e a uma bronchite chronica, resultou-me uma fraqueza pertinaz de que não havia meio de livrar-me, apesar de tomar varios xaropes e peitoraes; porem aconselhado por um amigo meu a tomar a Emulsão de SCOTT, em pouco tempo obtive um verdadeiro exito, pois que me vejo completamente curado, voltando-me o appétite e sentindo-me forte e bem disposto.

De V. S. Attó Venz e Obro

Antonio Affonso Pequito Junior.

A RAZÃO:

Se a vossa debilidade nasce d'alguma molestia no peito, achareis na Emulsão de SCOTT um remedio perfeitamente adequado ao vosso caso, pois que esta emulsão, alem do effeito fortificante que tão notavelmente produz em todo o corpo, tem na garganta, no peito e nos pulmões, uma acção especial restauradora e vigoradora. Não desperdiceis tempo e dinheiro experimentando com preparados que no



vosso caso não podem surtir effeito. Tome antes, e desde já, o remedio de que o sr. Pequito Junior tirou tão bom resultado, isto é, a Emulsão de SCOTT. O peixeiro de SCOTT, no involuero, falla-vos da certeza da cura.

Emulsão de SCOTT

A differença entre as emulsões é muito simples. Na de SCOTT os fabricantes apresentam

A CURA

alcançada; nas imitações ella é omitida.

NOTA: Apesar do Imposto de Sellos de 30 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT nos preços seguintes: a saber: 500 reis frasco grande e 300 reis frasco pequeno. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtida em dos srs. J. J. Cassels, & Cia., Succe., Rua do Almada da Silveira, 85, 1.º, Porto. Escrever sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

IN ILLO TEMPO...

(RECORDAÇÕES DA VIDA ACADEMICA)

III

(Continuação)

Como facilmente se comprehende, com similhante quantia não podíamos passar um dia e uma noite em Mertola e pagar os bilhetes no vapor até Villa Real.

Então o Gil teve uma ideia. Diz-se que a necessidade nos faz ser inventivos, e eu já tenho notado por diversas vezes que effectivamente assim é.

A ideia consistiu em lembrar-se de que no concelho de Mertola, a umas tres leguas d'alli, na herdade de Corgadeiros, residia uma sua tia, uma bondosa senhora ha pouco falecida, em cuja casa nós poderíamos ir passar o dia.

E' claro que assim se resolveu, tanto mais que não nos era licito resolver outra cousa.

Fizemos então o seguinte: Mandámos as nossas malas para hordo do vapor, e demos 400 reis a quem nos las levou, e por 400 reis alugámos uma lancha que nos transportou até ao posto fiscal, denominado *Barranco do Azule*, que era o ponto do Guadiana mais proximo de Corgadeiros.

Eram 7 e meia da manhã. A's 9 e meia desembarcavamos no referido posto.

Foi um passeio agradável, porque as margens do Guadiana, de feias e agrestes que são, encantam pelo seu aspecto sertanejo.

No ponto em que desembarcamos, apenas se via a minuscilla construção que abriga os empregados do posto. Tudo o mais que a vista alcançava era matto rasteiro, que se estendia de quebrada em quebrada, e onde se via aberto um estreito carreiro.

Seguimos esse carreiro na direcção de poente. Nem viv'alma por aquelles ermos. Nem um pastor, nem um animal.

Depois de andarmos proximamente uma hora sob um sol ardente, avistou-se ao longe uma casa.

—Será alli, perguntei?

—Ainda não, me respondem o Gil com voz cansada, mas já falta pouco.

Continuámos a caminhar. Eu ia adiante com o meu guarda sol aberto, para me resguardar um pouco dos raios solares. O Gil seguia atraz de mim, de bengala e coxeando, porque lhe apertavam os pés umas botas de polimento que trazia.

Botas de polimento e bengalla, em plena serra, devem concordar que só isto me faria rir, se o estomago me não estivesse já a lembrar que eram quasi 11 horas, e eu tinha jantado ás 5 da tarde do dia anterior!

Avistou-se por fim a nova casa, mas desde que se avistou até lhe chegarmos ao pé, ainda tivemos de andar uma meia hora pelo menes.

Chegamos finalmente!

O monte estava quasi deserto. Só havia em casa uma creada occupada na sua arrumação. A senhora e mais familia tinham ido á missa á aldeia, e só deviam regressar de tarde.

Mas o Gil já era conhecido como pessoa de familia, e por isso a creada recebeu-nos com o seu melhor sorriso e apressou-se a fazer-nos um abundante almoço de ovos e batatas fritas, que achamos uma delicia.

Depois do almoço, o Gil, tendo calçado umas botas grosseiras e envergado uma jaqueta de um primo, pegou numa espingarda e participou-me que ia á caça.

Eu sentia-me deversas massado de espirito e de corpo, e por isso preferi ir deitar-me enquanto não chegavam os donos da casa.

Apenas chegados estes, e feitos os cumprimentos, a tia do Gil deu-nos uma reprimenda mais que paternal pela feita acção da reprovação, que segundo ella, tinhamos com certeza merecido, e fomos jantar d'alli a pouco.

A' noite deitamo-nos cedo, e ainda de madrugada, depois de termos tomado cada um sua malga de excellente leite de cabra, e de nos terem enchido as algibeiras de bolos, partiamos montados em bellas egnas, acompanhados de um creado d'esta hospitaleira casa em direcção ao Po-

marão, onde devíamos tomar o vapor.

Nesta altura a minha phantasia não pôde deixar de invocar a jurnada do meu antecessor do *Palito Metrico*, tão grotescamente descripto naquella engraçada poemeta macaronico-latino do *De monte venit*, com que os veteranos me tinham feito arrelhar algumas vezes nesse anno letivo, que tão tragicamente findára para mim.

Depois de uma boa hora de cavalgada por encostas escarpadas e pequenos valles verdejantes, chegámos à margem direita do Guadiana, e poucos minutos depois ouvia-se apitar o vapor, que fazia a carreira entre Mertola e Villa Real.

Uma pequena lancha conduziu-nos a bordo, e feito novo apito, o helice começava a mover-se, e nós a percorreramos uma nova *étape* d'esta accidentadissima viagem, que já ia no 5.º dia.

A descida do Guadiana, feita em 2.ª classe, mas que o Gil pagou como 3.ª com dinheiro que, segundo percebi, pediu a um dos primos, decorreu sem incidente digno de menção, tanto mais que, se bem me recordo, eramos nós os únicos passageiros que vivíamos a bordo.

Mas apenas saltamos em terra, logo se deu um episódio, que julgo do meu dever registar nesta despresticiosa chronica.

Eu chamei um rapaz e entreguei-lhe a minha mala, para que a levasse a casa de um commerciante meu conhecido, e o Gil quiz conduzir a sua para o posto da guarda fiscal, afim de a arrecadar ali.

Como porém era um pouco pesada, veio officiosamente ajudá-lo um rapazote, que a seguir lhe pediu alguma coisa por aquelle serviço.

Ora, o Gil não tinha dinheiro algum, porque só pedira o necessario para a nossa viagem do Pomarão até ali, e por isso tomou o expediente de chasquear o moço, que, vendo-se logrado, começou a alcinhar-nos de sovins e não sei que mais. Eu então intervim generosamente e dei-lhe os 15 réis que me restavam, allegando que não tinha mais trocado, o que fez calar o rapazinho.

No posto fiscal, o Gil, aproximando-se de um guarda, pediu-lhe que lhe arrecadasse ali a mala até ao dia seguinte, em que um seu creado viria buscá-la, e entregou-lhe um cartão de visita igual a outro que o mesmo creado havia de trazer.

Incidentemente olhei ao cartão e não pude deixar de sorrir. Dizia assim: *Antonio Caetano Celorico Gil, alumno de 2.º anno de Direito.*

Era um dos cartões que o Gil mandara fazer para a hypothese de não ter ficado reprovado, o que infelizmente succedera.

Em seguida abraçamo-nos enternecidamente, o Gil affirmou que ia visitar umas pessoas amigas, e eu dirigi-me para casa do commerciante, meu conhecido, a fim de esperar ali a sabida da diligencia, que conduzia o correio de Villa Real a Tavira, onde meus paes residiam.

Pedi ao commerciante que me abonasse 15000 réis, paguei ao moço que me trouxe a mala, e fiquei a conversar um bocadinho.

Dahi a meia hora aproximadamente passava para Tavira um trem desocupado e tomei lugar nelle, depois de me ter affirmado o cocheiro que não pagaria mais que na diligencia.

Encostei-me para um dos lados, fechei os olhos e comecei a pensar na arrelia que me causava regressar a casa com o anno irremediavelmente perdido.

Confesso que me sentia contristado a valer.

Não sei que tempo levei absorvido naquelles legnubres pensamentos.

O que sei é que ao abrir casualmente os olhos para procurar distrahir-me um pouco, quem imaginam os leitores que se me deparou a palmaria a estrada com passo estugado?

O Gil que eu suppunha aquella hora a fazer visitas aos seus conhecidos de Villa Real. E' como lhes digo!

A sorte grande de Hespanha, que alli me cabisse de céu aos trambo-lhões estou bem certo que me não causaria uma surpresa tão agradável,

como foi a que senti por tornar a ver o meu companheiro de infortunio, de quem me separara não havia ainda uma hora.

Gritei ao cocheiro que parasse, e com os braços abertos e o meu mais alegre sorriso convidei-o a entrar para o trem.

Já agora sejamos compaubeiros *usque ad finem*. conclui abraçando-o!

O Gil é que me pareceu não ter ficado tão satisfeito como eu!

Ou fosse por não desejar que eu o visse naquella perigrinação final de 2 leguas *pedibus calcantibus*, como eu pensei depois; ou fosse que o seu espirito se não tivesse ainda refeito dos pensamentos tristes que pouco antes haviam ensombrado tambem o meu, o que é certo é que a minha alegria repentina não teve nelle echo equal.

Voltamos a conversar mais uma vez na nossa triste sorte, e d'alli a meia hora, ao aprear-se para se dirigir a casa de seus paes, que ficava um pouco ao norte da estrada, o Gil ajuda-me disse:

Já agora o que devias fazer era acompanhar-me até casa. Quer dizer que sempre me ajudavas a supprtar os primeiros embates das censuras paternas, que muito me vão custar.

—Tem paciencia, meu amigo; lá isso não. Tomara eu quem me sirva de Cyreneu a mim!

E enganara-me. Dahi a uma hora cheguei a casa; os meus receberam-me com beijos e lagrimas, mas, não obstante os sacrificios que a minha estada de mais um anno em Coimbra lhes devia acarretar, nunca tiveram para mim uma palavra de censura.

Só Deus sabe quanto isso me custou!

E assim acabou esta aventura, a mais extraordinaria de toda a minha vida de estudante, e quasi tão cheia de impervisto, como as celebres aventuras do Barão de Munchausen, de quixotesca memoria.

J. C.

PESSOAL ADUANEIRO

Foi transferido para a delegação de Olhão o 3.º aspirante sr. Viriato Guerreiro que servia na delegação de Villa Real de Santo Antonio.

—Foi admitido no concurso para sub inspectores o 1.º aspirante sr. José Isidro Pires Leiria.

—Foram admittidos ao concurso para 1.º aspirantes os srs. Alfredo Augusto da Costa Rebocho, Augusto Jayme Barroso da Veiga, Philippe Lopes do Rosario, Henri que Luiz Trigozo, José Raphael Pinto e Victor Paulo Cabral Madeira.

—Foi aucturizado o escripturario do trafego da alfandega do Porto sr. Palma Pereira a continuar prestando serviço temporario em Villa Real de Santo Antonio.

Amanhã, dia santificado

Por ter cabido em sexta feira santa o dia da Anunciação, foi transferida essa festividade de egreja para amanhã, 4 de abril, que por este facto passa a ser dia santo, havendo feriado nas escolas e em todas as repartições publicas.

PESCARIAS

Na sua ultima sessão a commissão central de pescarias tratou, entre outros, dos seguintes assumptos:

Pedido da Companhia Piscatoria de Bias de ser relevada de não lançar a armação de atum Bias.

Desvio da armação de sardinha S. João Baptista, em Quarteira.

Desvio do ferro do peço da armação de atum *Forte Novo* e reclamação da Companhia Cabo de Santa Maria e Ramalhetes contra esse desvio.

Reclamação por parte de 3 as sociações contra o levantamento da armação *Torre Alinha*, em Lagos.

O nosso comprovinciano sr. Judice de Vasconcellos, 2.º tenente da armada actualmente em Inglaterra para servir como immediato do vapor *Fulcano* foi encarregado de ali proceder a uns estudos relativos á telegraphia sem fios.

ORATORIA SACRA

Sermão do Enterro na Misericórdia de Tavira

O sermão do Enterro na Egreja da Misericórdia de Tavira foi este anno cometido ao illustre conego da Sé de Faro e considerado professor do seminario diocesano sr. dr. Guerra Leal.

O sr. dr. Guerra Leal é um homem na pujança da vida, professor erudito e illustrado e orador de bastos recursos. Não lhe faltam até os requisitos classicos do orador—peito forte, voz sonora e figura não desagradavel. Sobretudo é estudioso, sabe. E, como não lhe escasseiam qualidades de talento e vocação para a tribuna sagrada, facilmente conquista o favor dos auditores.

Esta era a fama que procedia o sr. conego Guerra Leal, desde Amaranthe, terra de sua naturalidade, até ao Congo Portugal, onde acompanhon o veneranda Prelado D. Antonio Barbosa Leão, e desde ali até Faro, onde actualmente exerce o magisterio. Pois essa fama não foi illudida agora.

O sr. conego Guerra Leal desempenhou-se da sua elevada missão de modo a merecer justos elogios dos tavienses.

Perante uma assemblea numerosa, illustrada e intelligente, accustomed á palavra quente, inspirada e commovida de oradores notaveis, o dr. Guerra Leal soube manter-se á altura dos seus creditos e captar de prompto as sympathias do publico.

E' exigente o auditorio de Tavira, onde as solemnidades da Semana Santa revestem raro brilho. Pois mostron-se satisfeito o auditorio do sermão do Enterro—*Sepulto Domino*—do sr. conego Guerra Leal. Achou-o bem urdido, como peça oratoria. O orador tem uma linguagem cuidada e castiga, erudita a expressão, elegante o estylo. Noton-se-lhe brevidade, mas este defeito é o seu maior elogio. Mal do orador cujos discursos parecem longos aos ouvintes.

Não vamos analysar aqui a peça oratoria do sr. Guerra Leal. Dizer-lhe que nos satisfaz é quanto aqui nos trouxe.

Entretanto destacaremos do seu discurso algumas passagens que mais feriram a nossa attenção.

Veja-se este quadro, que é digno do pincel do artista:

«Sobre um escarpado monte da Judea, uma cruz pesada como a severidade das penas infamantes e negra como a noite do crime.»

«Nella o corpo dum justicado. Aos pés da cruz chorá uma Mulher desfigurada pela dor, emmudecida pela angustia, immobilizada pelo soffrimento, victima de um supplicio atroz.»

—*Stabat Mater dolorosa!*... Santas creaturas companheiras d'aquelle infortunio partilham a suprema magua.

«A lua, enorme, turva, afogueada, como se viesse de algum banho de sangue em região mysteriosa de lagrimas, vinha rompendo. Em volta a solidão, as trevas da noite, que descem rapidamente sobre o Golgotha. e... nada mais!

E' tudo!»

Ajuda no exórdio é bella e commovente a invocação á Cruz.

«... praço da gloria e unção divina dos que soffrem,—tu és o centro da historia do mundo, para onde todos os olhos se voltam desde a aurora até ao occaso; és o anjo que conforta os desgraçados, o symbolo brilhante do amor purissimo, do amor que enaltece; a mansidão que arrasta os maiores perigos, recolhendo as dores e amarguras do genero humano e dando-lhe em troca a chama abrazadora da fé e o balsamo consolador da esperança!»

«... throno elevadissimo de onde o melhor dos civilizadores ditou o epilogo admiravel da sua religião; tu confirmaste os Apostolos; consagraste os Martyres, deste victoria ás Virgetis, santificaste todos os justos, alegras os Anjos, illuminas a Fé,

accendes a Garidade e povóas o Paraíso!

Oh Cruz Bendita!»

O sr. Conego Guerra Leal foi muito cumprimentado ao descer do pulpito, e nós cumprimentamo-lo tambem.

R. D.

RIBEIRO DE CARVALHO

Na proxima quinta feira, 7 de abril, passa o anniversario natalicio do nasso particular amigo e presado confrade de redacção Ribeiro de Carvalho, redactor principal da grande folha illustrada *Mala da Europa* e illustre docta das *Dolores e Terras de Portugal*.

LIVROS

PRÓSPERO FORTUNA

POR ABEL BOTELHO

O forte e vigoroso romancista acaba de augmentar a sua série de *Pathologia Social* com mais um livro admiravel: *Próspero Fortuna*. Depois do *Barão de Lavos*, do *Livro de Alda* e dos *Lázarus*, este novo romance é ainda uma revelação. Abel Botelho, já hoje um mestre inconfundivel, progride sempre, ininterruptamente, n'uma ascensão maravilhosa para aquelle ideal de perfeição que é a tortura constante de todos os artistas de raça—ideal sempre insatisfeito, por mais que o procurem o nosso espirito e o nosso cerebro, por mais que o tenham traduzir, em fórmulas cada vez mais exactas, a nossa arte e o nosso esforço.

Mas se a perfeição suprema é inatingivel, nem todos ficam em meio, tomados pelo desalento, d'essa luminosa escada de Jacob. Alguns proseguem sempre na escadaria titanica. São aquelles que á semelhança de Abel Botelho, se sentem guiados pelo clarão maravilhoso do talento.

De livro para livro, na obra já vasta do romancista illustre, se sentem mais viva essa áncia para uma arte perfeita. A sua prosa, colorida e quente, é tambem de uma concisão notável, fundida em moldes exactos, revestida apenas, aqui e alli, de um encantado perfume de gongorismo. Quer dizer: prosa modelar, como que burilada em mármore, aligeirada por suaves nuances de aguarela romântica...

E, assim, Abel Botelho é o romancista que mais nos impressiona hoje. Mesmo nos seus livros de fria analyse, de forte psychologia, de critica de costumes, como este seu ultimo livro *Próspero Fortuna*, ha essa romântica suavidade que nos delicia, valorizada pela forma correctissima do estylo.

Neste novo romance, Abel Botelho, que já esboçara uma tentativa de litteratura de combate no *Amanhã*, sabe decididamente a cam po aberto para este género de obras, que tem de ser fatalmente as mais impressionantes fórmulas da arte moderna.

Tem, é certo, a pesarem-lhe nos hombros as suas dragonas de coronel do exercito, conservadoras, suffocantes, espécie de algemas sempre álerta, em conflicto declarado com a sua intuição... Mas, se não expande essa tendência da sua arte, em rajadas de propaganda implacáveis, a sua acção não é menos demolidora, a sua critica não é menos coriante.

No *Próspero Fortuna*, Abel Botelho põe a nu toda a corrupção do meio politico com os seus cretinismos, os seus aventureiros, as suas crápulas, os seus processos miseraveis de triumpho.

E' uma analyse fria mas despedaçadora. N'aquella vasta scena, os typos que se atropellam são marcados a fogo pelo romancista. Conhecêmo-los, topámos com elles a cada passo, nos corredores dos ministerios, sob as Arcadas, no parlamento, em S. Carlos, nas reuniões elegantes e politicas, nas *premieres* dos theatros, em toda a parte, emfim, onde se exhibe o snobismo contemporaneo... O meio, o ambiente, é traçado com firmeza.

As personagens que n'elle se movem são de uma realidade flagrante. Todo o livro é um ferro em brasa, queimando fundo na dissolução dos costumes politicos actuaes.

Vale, pois, como obra de critica e como obra de arte, sentida, perfeita, notabilissima. E' um livro forte e primoroso, digno do alto talento de Abel Botelho.

A edição do *Próspero Fortuna* é da Livraria Chardron, do Porto. E' um grosso volume, elegante e esplendidamente impresso.

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

E

ANTONIO CERQUEIRA

Advogados

Rua do Ouro, 149, 2.º
LISBOA

PESSOAL DE FAZENDA

Foi nomeado 2.º aspirante de fazenda e collocado em Oelras o sr. Octavio José do Nascimento, de Olhão.

—Tendo sido aposentado o recebedor de Lagos sr. Pedro Tello, foi transferido para aquelle concelho o recebedor de Albufeira sr. Joaquim Julio d'Oliveira Baptista e nomeado recebedor para este ultimo concelho o sr. José Chrysostomo Pereira Piva Junior.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"DESCENDEMOS DO MACACO?"

Tradução do tenente Moraes Rosa

A *Bibliotheca de Educação Moderna*, que se publica em Lisboa sob a direcção do nosso collega de redacção sr. Ribeiro de Carvalho, acaba de pôr á venda um novo livro, interessantissimo, com este titulo: *Descendemos do Macaco?*

Nelle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema, tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sábio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: *Descendemos do macaco?*

Afirmou um outro sábio, não menos illustre, que é preferivel descer de um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como for, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torurar todo o homem consciente, responde o livro do sábio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: *Descendemos do macaco?*

A mesma *Bibliotheca de Educação Moderna*, já publicou mais dois livros, verdadeiramente sensacionais tambem magnificamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A Egreja e a Liberdade* e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *Socialismo e Anarquismo* e constitue um estudo, completo e claro, acerca destas duas doutrinas sociais, sendo seu auctor o grande sociologo Hamon.

Em preparação, prestes a serem postas á venda, estão outras obras sensacionais, destinadas ao maior successo.

Preço de cada volume desta bibliotheca: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se, pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colonias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

VIDA LOCAL

MERCADO DE GADO

Se para qualquer pessoa ainda existissem duvidas sobre a acertada resolução da actual camara municipal d'este concelho, transferindo para o vasto campo da Atalaya Grande o mercado de gado que costuma effectuar-se n'esta cidade, essas duvidas desapareceriam de todo no mercado ultimo de sexta-feira santa que pela primeira vez se realizou este anno n'aquelle amplo recinto. E' sempre muito concorrido o mercado d'aquelle dia e cremos que foi por essa concorrência já se não poder apertar no acanhado alto de S. Braz que se resolveu mudar-se ha annos o mercado d'aquelle local primitivo para o largo Jara; mas quer n'um quer noutro d'esses locais o mercado de sexta-feira não podia dar nos o excellente aspecto que nos deu este anno e ter o desenvolvimento que o espera na Atalaya, lugar sobre todos pontos de vista propicio á exposiçã de gado e concorrência de grande publico.

Todos os que n'aquelle dia estiveram ali á hora das transacções de gado, não podiam deixar de elogiá a resolução camarária que assim facilitou maior expansão áquelle mercado, que muitos julgaram este anno superior ao da feira da Boa Morte.

A camara, no sentido de offerecer todas as vantagens possiveis para o desenvolvimento do referido mercado, mandou abrir na Atalaya um grande poço junto ao qual, logo que esteja concluido, se collocarão uma ou duas pias para o gado.

ALEXANDRE HERCULANO

N'esta cidade começa amanhã a comemorar-se o primeiro centenário de Alexandre Herculano, executando a banda da infantaria 4, no concerto do jardim, a marcha que tem por título o nome do grande escriptor e que é original de Silveira Paes.

Esta marcha, que foi a premiada no recente concurso da commissão executiva do centenário, será executada em todos os concertos que a mesma banda effectuar durante o presente mez de Abril.

A camara municipal fenciona no proximo dia 28 do corrente fazer uma sessão commemorativa do primeiro centenário de Alexandre Herculano, dando tambem a nome do illustre historiador a uma das ruas d'esta cidade que se não sabe ainda qual será.

PREMIO DO REI

Está já devidamente collocada na 1.ª companhia do 2.º batalhão de infantaria 4, n'esta cidade, a magnifica taça de prata offerecida por sua magestade D. Manoel II a este regimento como o fim de premiar, annualmente, os soldados que mais se distinguiram em diversos exercicios de gymnastica.

A referida taça, que estava n'uma companhia do 3.º batalhão (Faro), foi ha dias ganha pelos soldados

d'aquelle primeira companhia, fazendo-se n'ella, por esse motivo, a sua installação, até aos exercicios finais do proximo anno em que novamente será disputada.

BAILES NO GREMIO

Nas noites de sabbado de alleluia domingo de Paschoa e quinta feira ultima hove reuniões familiares nas salas do Gremio Tavirense, decorrendo bastante animadas, especialmente a segunda em que se dançou até ás 6 horas da madrugada. A illuminação, tanto na espaçosa sala de baile, como em todos as outras dependencias do Gremio era feita a acetylene, magnifica installação a que ali se procedeu ultimamente, e que representa um grande melhoramento para aquella florescente sociedade.

CONCERTO NO JARDIM

Toca hoje no jardim, da 1 ás 3 da tarde, a banda regimental de infantaria 4, executando o seguinte programma:

1.ª PARTE

Alexandre Herculano, marcha.
Marco Spada, sinfonia da opera.
Il Paggiacci, pot-pourri da opera.
Viuva alegre, valsa da opereta.

2.ª PARTE

El Anillo de Hierro, pot-pourri da zarzuela.
Valsa de Chopin.
Alexandre Herculano, marcha.

GENTE DE CADASTRO

Emquanto não veem os apaches que, como todas as modas de Paris, instam alguma consa a chegar até estas plagas provincianas da extrema Europa, a nossa cidade vae tendo que se entreter com uma já rasoavel horda de patifes que dia a dia vem fazendo das suas, pondo não só em perigo a pacata população do burgo como ameaçando-lhe a honrosa tradição de ságeo e cordura que desde remotos tempos a dignificava. Ha mezes era um pandego de bom gozo e melhor figura que, escondido no arco da Asseca, junto á descida da Ponte, se entreteinha a apedrejar com alma os transeuntes desprevenidos; a semana passada foi um carregador, o Luiz Maluco, que por uma simples troca de palavras, anavalhou o Alinhão, cocheiro do major sr. José Vicente Cansado e já esta semana temos a registar um novo caso de aggressão, sendo protagonista o conhecido Joaquim Arócha, o Mudo, ha pouco sahido da cadeia onde o levára um crime de facadas na pessoa do seu patrão sr. Joaquim Antonio dos Santos.

Quando d'este ultimo crime, contámos aqui que quem prendera o Mudo fôra o sr. José Baptista Callega, distribuidor telegrapho postal. O criminoso, que é mudo mas a quem não falta uma excellente memoria, não se esqueceu do caso e logo que cumpriu a pena e retomou a liberdade fez constar ao sr. Callega, por meio de signaes elucubrativos, que não o tinha em esquecimento, nem a elle nem á ordem de prisão, prometendo varias vezes, tambem por suas «terras a latejar—coruscantes ao sol, alegres e amenas—feitas umas de espumas e outras de acucenas,—terras fortes de heroes, patrias de mareantes; terras que o mar creou e que o mar alimenta...»

O dr. João Lucio transfigurava-se, deixando-se alar nas azas da inspiração que o superioriza aos nossos olhos e ao nosso coração, todas as vezes que elle solia a voz commovida para exaltar as bellezas do seu Algarve—este lindo pais do sol que o ama e elle ama com inequalavel enthusiasmo.

FOLHETIM D'O "HERALDO"

RODRIGUES DAVIM

26 HORAS NO ALGARVE

Costumes, paisagens, riqueza, historia e tradições

V

Emfim?

O dr. Sereno, que havia, subido aos seus aposentos para se pôr á vontade, voltava nesse instante, e tanto bastou para que a discussão não proseguisse.

—E' então a primeira vez que vem ao Algarve?—inquiriu o illustre poeta, familiarizando-se com o meu patricio. E' linda a minha provincia, este meu «Algarve impressionista e molle... onde o luar se orchestra em novas harmonias—e faz de neve, em vez das neves de janeiro... Algarve do morghat, dos rostos escondidos, das leudas, das visões, das moiras encantadas! E' lindo este doirado rincão do sul, com as

signaes, um ajuste de contas em occasião que julgasse opportuna.

Essa occasião foi na tarde de 4.ª feira em que, teudo-se encontrado os dois, o Mudo aggreddiu a pontapé o sr. Callega, saciando quanto possivel a vontade que lhe trazia. O aggreddido quiz desforçar-se, logo que se viu desembaraçado, mas n'esta occasião o Mudo conseguiu pôr-se em fuga vindo a ser preso mais tarde na praça da Constituição.

FESTA DA NOSSA GENTE

Celebra-se hoje na igreja das Ondas a tradicional festa de S. Pedro Gonçalves, patrono da classe maritima e que por ser custeada pelo Compromisso Maritimo d'esta cidade é vulgarmente conhecida n'aquelle classe pela festa da nossa gente.

DITO DO FIM

O sr. Justino Augusto Ferreira é o proprietario dos Armazens de Moveis da Rua Nova Grande n'esta cidade, nos quaes tem ha annos um empregado de nome Justo.

Ha dias um nosso amigo, colleccionador de calembours, entra n'aquelles armazens e dispara ao Justo, á queima roupa, esta formidavel sentença:

—Você, por muito que queira e trabalhe, nunca chegará aos calcanhares do seu patrão.

Espanto do empregado e nova phrase do nosso amigo:

—E que a você falta-lhe o tino, —Falta-me o tino?! retorquia o Justo, já meio indispuesto.

—Claro! Você é apenas Justo e o seu patrão é Justino.

CARTA AGRICOLA

O governo determinou que se procedesse com urgencia á revisão da carta agricola do paiz, na parte já levantada, devendo iniciar-se por este districto os trabalhos de campo.

Noticias de Portimão

Encontram-se doentes as srs.ª D. Maria Olimpia de Padua Franco, D. Maria da Paz Bastos, D. Sophia Bivar, D. Emilia Santos Azevedo e os srs. Francisco Soares Netto e João Francisco Barbudo.

—Retiraram: para o Porto, os srs. Alberto Bentes d'Azevedo e Manoel José dos Santos; para Lisboa os srs. Luiz Negrão Vieira, Antonio Pedro Martins Junior, Frederico da Paz Mendes e familia. Jeronymo da Gloria Nunes, Joaquim Fernandes.

—Vindos de Cinha encontram-se aqui o pae e tres irmãos do sr. João Bento da Cruz.

—Regressou de Africa o sr. Marques, que ha 18 annos fora condemnado em pena maior por ter agredido sua mulher com tiros de revólver.

—Pelo sr. Joaquim Fernandes, engenheiro naval, foi pedida em casamento a sr. D. Anna da Gloria Nunes, cunhada do sr. José Pearce d'Azevedo e sobrinha do rev. padre Gloria; prior em Bensafim.

—Está muito doente a filha mais velha do sr. Côrte Real.

do... como caixas gentis, de confeitos... E as praias—«aonde o mar, fremente de desejos, põe blocos de espuma... e as ondas adormecem, caucadas de se erguer, pr'a curva dos espaços,—Amplas grutas, aonde a agna esconde lindas fadas.—Ha grutas com crystaes, pequeninas e mansas; abrem-se outras, poreis, negras e collossaes.—Vae o sol a baixar. Oh pintores: vinde ver um poente aqui sobre este mar... As nuvens têm já aspectos de geleiras; uma avalanche cae, onra avalanche augmenta. A neve dá batalha... Passam velas ao largo e vão transfiguradas...—E a agna a tremar, em ondas langorosas, borbulha estrellas... E cada vaga pede ao céu que lhe dê azas e quer-se levantar, quer subir, quer voar!...»

O nosso Luis passou o lenço pelos olhos, emagando uma lagrima.

—E então?—inquiriu eu.

—E' maravilhoso! Consola ouvir falar assim da sua terra. Até parece que falta em verso!

—E' sempre assim, quando se refere a esta formosa provincia que lhe foi berço.

SEMANA SANTA

Em cartas-circulares dirigida a muitas familias d'esta cidade, algumas, bem raras por signal, com endereço para os seus chefes, outras, em grande numero, com direcção para as esposas—orientação a que talvez não fosse estranha a reputação catholica apostolica romana de cada conjuge—diziam tres reverendos, ou antes dizia um reverendo e assentiam os dois restantes que Tavira, a velha cidade de Paio Peres ou o moderno alcaçar de Pina Ronquinho, não podia, não devia nem queria passar sem Endoenças—sob todos os pontos de vista. E não passou. Devem a esta hora estar contentes aquelles que, sob todos os pontos de vista, julgam indispensaveis á vida essas festividades commemorativas da paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazareth, o doce rabbi da Galileia que apostolou o doce mudo o Bem, a Verdade e Justiça e que n'um lindo dia, lindo sob todos os pontos de vista, fez passar por um mau quarto d'horá os vendilhões do templo.

A igreja de S. Thiago não se associou este anno a este cyclo de festas. Em Santa Maria houve na quinta feira a cerimonia de Lavapés e na sexta a da Paixão, sem mais incidente que o de ter sahido a procissão sem a habitual companhia de Santa Maria Magdalena, não se sabe ainda porquê, visto que os ecclesiasticos se recusam terminantemente a dar pormenores do acontecimento.

A noite a procissão dos paineis visitou as igrejas illuminadas: Carmo, S. Francisco, Santa Maria, Piedade e Misericordia, realçando as duas primeiras, como de costume, pelo brilho e profusão de suas luzes e decorações. Em S. Francisco houve, como de costume, o Encontro do Senhor e o encontro, tambem, de varios namorados que n'aquelle noite fazem rendez-vous em todas as igrejas, distribuindo ás occultas das mamãs algumas amendoas confeitas e muitas olhadelas ternas e laquidas.

Tambem em Santa Maria houve no sabbado a Alleluia e no domingo a Ressurreição.

Na Misericordia celebrou-se quinta e sexta feira com a pompa e solemnidade de todos os annos, a festa habitual d'aquelle Santa Casa, destacando-se como sempre as Trevas de sexta feira que são a mais concorrida e solemne festividade da nossa terra. Prégou o rev. conego de Faro sr. Guerra Leal que revelou predicações de orador, deixando na assistencia uma impressão agradável. A este sermão se refere, n'outro lugar, um nosso distincto collaborador. A orchestra primorosa, sobressahindo os solos de José Manoel, Desiderio Peres e Arthur Raphael, tres valiosos elementos do saudoso Grupo Dramatico que em penitencia se dedicam agora á cantoria sacra.

No sabbado á tarde o habitual passeio ao Calvario

No domingo jantar aos presos.

O dr. Sereno suspenso na leitura da Soberania, media com um olhar penetrante a grandeza do coração do poeta; o dr. Frazzeta, typo irrequeto e eloquente de algarvio, consagrava com um silencio, que a poucos mais concede, o apaixonado e formoso talento poetico do seu illustre patricio. O proprio dr. Nogueira, que é o poeta modelar da oratoria sagrada nos pulpitos do Algarve, esse mesmo revelava uma intensa commoção intima...

O Santos, que é o Plutarcho de todos os homens de letras da sua provincia, applaudiu enthusiasmo.

—Muito bem! Muito bem!

—Finalmente—concluiu o poeta—Vejam essas «serras cheias de luz—ardendo na volúpia alada dos perfumes;—montanhas a erguer os perfis... a escutar a voz da Natureza inteira...—Montanhas murmurando altivamente bellas...—Oh serra de Monchique, oh ninho de impressões, oh saturnal da Côrte...—Oh vertentes ardendo e fremindo, a rugir, na febre de crear... riscadas p'la nudez escura dos sobreiros, com preguiças de relva e rendas de pinhei-

NOTICIAS MILITARES

Foi collocado no 3.º batalhão (Lagos) de infantaria 17 o 2.º sargento do mesmo regimento sr. Manoel Custodio de Sousa.

—Foram collocados: no 3.º batalhão de infantaria 17 os capitães srs. Lopo José Aguado Leotte Tavares e Francisco Paula Paleta; no districto de recrutamento e reserva n.º 17 o capitão sr. Antonio Baptista Justo.

—Requeru admmissão ao concurso para aferees de administração militar o 2.º sargento de infantaria 4 sr. Arthur Luiz Philippe de Magalhães.

—Pediú classificação para empregos publicos o 2.º sargento de infantaria 4 sr. Carlos Silverio da Silva.

—Pediú para ir servir no ultramar no posto immediato o muzico de 3.ª classe de infantaria 4 sr. José Mendes Guerreiro.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Milho de regadio	580	18 litros
» » sequeiro	540	» »
Feição ralado...	10100	» »
» manteiga.	10200	» »
Chicharos.....	440	» »
Grão	10000	» »
Favas	660	» »
Ervilha.....	540	» »
Aveia	340	20 »
Tremoço	360	» »

AVISO

José Soares Mansinho, participa ao publico que brevemente vae abrir o seu estabelecimento de modas e confeções, na Praça da Constituição d'esta cidade, na antiga loja de José Viegas Mansinho.

O seu estabelecimento, que terá um completo sortido de fazendas e de tudo o mais que a epocha moderna publica, estará em exposição publica nos dias 9, 10 e 11 do corrente mez d'abril. Solicita que visitem o seu estabelecimento.

PREÇOS MODICOS 40

ANNUNCIO

POR ter sido addiada, já se não realiza no dia 17 do corrente mez de abril, a arrematação da prestação de factos, que consistia em obras a fazer na faixa de terreno expropriado ou occupado pelo Estado na propriedade denominada de Arrancada, situada no Matto d'Ordens, freguezia da Conceição d'esta comarca e pertencente a José Maria Parreira Junior, de Lisboa,—arrematação que se fazia pela execução de sentença por este movida ao Estado, e que tinha sido annunciada por editaes e annuncios de 26 de fevereiro do corrente anno.

Tavira, 2 de abril de 1910.

Verifiquei:—Sabbo.

O escrivão,

39 José Joaquim Parreira Faria.

ros...—Vertentes que a manbã enche de oiro... com legues de penumbra e legues de verdura e cascatas de luz...—Ribeiros a cantar e brancas flores abrindo.—Oh valles murmurando, onde a vegetação é mais fresca e mais densa... com relevos de cobre e rendas de esmeraldas; velludos a rugar-se entre os braços da aragem... Espelhos de agna pura... E sobre o hymno azul pontes para sonhar, feitas de troncos nus... grutas para scisnar... arcadas collossaes, cathedraes de verdura... Azenhas... pomares onde a seiva zumbente põe cascatas de fructos e repuxos de flores...—Subamos para a Fia. As sombras haterão azas.—Pelo ar frio e puro o cheiro doce da terra, esse aroma que sae ardente e sensível dos lençoes de verdura da Natureza, que é, como a mãe de Jesus, virgem mesmo depois que cria...—Collinas acordando, altas e aznadas, na cambria da nevoa ao longe a esfiar...—Já uma ave canta: é o Dia que se ergue.

(Continua).

CASAS

Vendem-se duas moradas de casas: uma na rua de S. Thiago com os n.ºs de policia 2 e 4, com 9 compartimentos, sobrado e grande quintal; outra na rua de S. Lazaro com o n.º 18, com 7 compartimentos, 2 sobrados, quintal, poço e cavallaria. Quem pretender dirija-se ás suas proprietarias na Rua Nova Grande, 55—TAVIRA. 546

CREADA

Precisa-se nesta cidade, que saiba cosinhar. Não se faz questão de ordenado.

Na typographia do *Heraldo* se diz quem precisa.

ANNUNCIO

Quem pretender comprar uma poção de verde nos quintaes da Galeria, dirija-se a Verissimo Pereira—Paulo. 33

VENDEM-SE

Uma morada de casas terreas na rua de S. Lazaro em frente da rua das Pedras, contendo 9 compartimentos dispensa, varanda, quintal, poço, e sahida para a rua nova de S. Pedro.

Uma barca denominada *Maria da Paz*, com o n.º 25, com vella e mais apetrechos respectivos.

Trata-se com Antonio Augusto Soares—TAVIRA. 30

AFINADOR DE PIANOS

Encontra-se n'esta cidade o já bem conhecido afinador e concertador de pianos, Lourenço Alves Garcia.

Garante os seus trabalhos, ao que o autorisa a sua longa pratica. Dá optimas referencias. Pode ser procurado no *Hotel Collega*. 37

VENDEM-SE

As propriedades pertencentes a Joaquim Manoel da Palma e João Olias Moreno, no sitio da Corte Velha e nas Choças, freguezia do Azinhal. Quem pretender dirija-se aos referidos proprietarios. 32

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas situadas na Atalaya Grande.

Quem pretender dirija-se em Faro a A. Christovão da Conceição ou em Tavira, a Joaquim R. Chagas Faria.

CASAS

Vendem-se as seguintes: uma morada de cazas altas na Rua do Poço da Pomba, duas terreas na Rua d'Oliveira, uma terrea na Rua do Fumeiro, e outra no Alto de S. Braz.

Quem pretender dirija-se a Antonio da Conceição Chaves. Largo d'Alagôa—Tavira. 31



ATENÇÃO

BUENO ROMEIRA

CIRURGIÃO DENTISTA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

E

BERNARDINO CESAR G. NUNES

Especialistas em tratamento de bocas, tanto em operações como em collocações de dentes artificiaes a 1500 cada

Dentaduras completas 30000 rs.
Forradas em ouro ou platina..... 50000 »
A ouro..... 100000 »

Quem desejar de consultas, pode dirigir-se ao *Hotel Avenida*, das 9 horas da manhã ás 10 da noite.

TAVIRA 21

EDITAL

A COMISSÃO DO RECGENSEAMENTO MILITAR DO CONCELHO DE TAVIRA

FAZ PUBLICO pelo presente edital e nos termos do artigo 33 do decreto regulamentar de 24 de dezembro de 1901, ficam intimados os mancebos infra inscriptos de como ficam recenseados no corrente anno para o serviço militar.

Freguezias	Nomes	FILIAÇÕES	Naturalidades	Dados dos nascimentos
Cachopo	José Emygdio	Manoel Emygdio e Thereza Gonçalves.	Seixo	16-3-90
"	Manoel	José Agostinho e Candida Maria	Redondo	27-1-90
Conceição	Joaquim	Frederico Chrispim e Maria Antonia	Benamor	4-1-90
Luz	Apolonio	José Antonio e Maria da Luz	Amaro Gonçalves	22-7-90
"	José	Francisco Fernandes e Thereza dos Martyres.	Campina	29-3-90
"	Manoel Pires.	João Pires e Maria Rita	Amaro Gonçalves	29-1-90
Santa Catharina	Baltazar	José Viogas Agostinho e Roza da Conceição	Hortas	24-12-90
"	Joaquim	Manoel de Mendonça Arraes e Maria Gago	Bengado	29-6-90
"	José	Manoel da Costa Junior e Maria Rozalia	Marco	17-2-90
"	José	José Costa e Anna da Conceição	"	1-10-90
"	José	Filho natural de José de Jesus Madeira Nobre e Gertrudes da Conceição	Boa Visla	23-3-82
"	José	José Mariano e Rozal Maria	Vargens do Vinagre	19-4-90
"	José	José Gonçalves Mariano e Luiza da Conceição	Fonte do Bispo	1-3-90
"	José	Deodato Vaz da Luz e Maria do Rozario	"	14-1-90
"	José	José Pereira e Gertrudes da Conceição	Espartoso	27-7-90
"	José	Francisco dos Reis e Maria Joana	Marco	29-8-88
"	Raphael	Manoel Joaquim e Maria Domingas	Melhada do Rico	12-2-90
Santa Maria	Antonio	José Martins e Maria Antonia	Rua Nova de S. Pedro.	11-4-90
"	Candido	Antonio do Carmo e Maria do Rozario	Terreiro do Sapal	4-9-90
"	Custodio	Manoel Pereira e Custodia Thereza	Umbria de Camacho	25-9-90
"	Izidoro	João Alacide e Anna Martins	Rua do S. Lazaro	4-4-90
"	João	Antonio da Costa e Maria do Nascimento	Rua da Porta Nova	6-3-90
"	João	João Fernandes e Maria José	"	21-7-90
"	Joaquim	Luiz Pereira e Maria da Conceição	São Marcos	30-10-90
"	José	Joaquim Filipp e Izabel Maria	Rua do Fouceiro	6-11-90
"	Manoel	Manoel Bergara Gonçalves e Floriana Roza Peixe	Rua Direita	14-4-90
"	Romão	Epiphania de Jesus e Maria Antonia	Rua Nova de S. Pedro.	31-8-90
"	Ventura	Maria José, solteira.	Moelhos	17-5-90
São Thiago	Angelino	José Pedro Jacó e Maria do Nascimento	Povo de Santa Luzia	22-6-90
"	Antonio	Antonio Bento e Gertrudes da Encarnação	Campina	10-6-90
"	David	Francisco de Paula e Roza Perpétua Aulunes	Largo de S. Francisco.	24-9-90
"	Joaquim	Antonio Afonso e Maria Caelana	Santa Margarida	1-4-90
"	Joaquim	Felisherto José e Carolina Antonio	"	1-3-90
"	José	Miguel José Fernandes e Maria da Conceição Padinha	São Pedro	2-8-90
"	José	José Gonçalves Cabrita e Maria Augusta Antunes Coelho Cabrita	Rua de São Francisco.	2-4-90
"	José	José de Jesus e Maria da Conceição	Santa Margarida	11-1-90
"	José	José Martins Teixeira e Mathilde da Conceição	Beroardinho	10-1-90
"	José	Theodoro de Souza e Maria do Espírito Santo	"	13-9-90
"	Manoel	José do Carmo Izabel Roza	Muinho Novo	6-8-90
"	Manoel	João Simão e Maria das Dores	Campina	3-1-90
"	Sebastião	Pedro Rodrigues e Maria do Rozario	Beroardinho	1-8-90

Paços do concelho de Tavira, 31 de março de 1910.

O Presidente,

VASCO PEREIRA DE CAMPOS

Officina de carteiro e esculptura

DE

Jose da Silva

Executa com a maxima pontualidade e perfeição todos os trabalhos concernentes á sua arte, taes como:

Jazigos de capella, pirâmide de cabeceira, urnas funerarias, esculpturas, fogões de sala, molduras para espelhos, pedras para moveis, bancadas para barbeiro, etc., inde o seu proprietario tratar directamente a qualquer terra do paiz, bem como se encarrega de transportes e sua collocação, conforme a vontade do freguez.

Tem sempre feitas em deposito algumas das obras especificadas.

Preços sem competencia e seriedade nos seus negocios

114-R. Magalhães-116

LISBOA (465)

Bilhetes postaes illustrados

Chegou grande variedade de postaes illustrados a briho, com o retrato de S. M. El Rei D. Manoel. Vende-se na Tabacaria Popular, de José Maria dos Santos—TAVIRA.

A. M. PAULA

CIRURGIÃO DENTISTA

ROA CONSELHEIRO BIVAR N.º 15

FARO 552

NOVIDADES LITTERARIAS

MANUAL DO CHARADISTA

Completa novidade. Livro utilissimo para os decifradadores.

PREÇO 300 REIS

Uma viagem á *Costa Azul* (pelo Marechal brasileiro Leite de Castro).

PREÇO 500 REIS

Um interessante livrinho MISCELLANEA por Zé de Mello.

PREÇO 100 REIS

Duqueza Laureanna Para ler de noite PREÇO 500 REIS

E o maior successo da actualidade em livreria

Sherlock Holmes

O POLICIA AMADOR

VOLUMES A 200 REIS

JOSÉ MARIA DOS SANTOS TAVIRA

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

Proprietario--FRANCISCO F. GONÇALVES

LISBOA



O mais central e um dos melhores hotéis de Lisboa. Serviço de mesa excellente Quartos com todos os confortos e commodidades, para pessoa só e para familias. Sala para receber visitas.

Entrada: Praça de D. Pedro, 95 (Rocio)

TELEFONE N.º 1163—Luz electrica

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes. Consultas gratis aos pobres ás 9 da manhã.

Praça Ferreira de Almeida, 5

42 FARO

ENCADERNADOR

Travessa Castilho, n.º 13

FARO

ARMAZEM

Vende-se metade nas cabanas da Conceição. Trata-se com José Pedro Vieira. 38

ANTONIO MARIA JANERO

Mercearias, quinquilharias carnes de porco, queijos cereaes, adubos e palha enfardada

CUBA—ALEMTEJO

20

Livros

No Kiosque das Novidades no jardim publico em Faro, vendem-se todos os livros aprovados para instrução primaria, lycens e escolas normaes, romances, obras scientificas, postaes illustrados.

Recebem-se diariamente todas as novidades litterarias quo se publicquem.

Grande variedade em livros de todos os generos. tabacos nacionaes e estrangeiros, almanachs, folhetos e canções populares: vende e revende loterias, recebe assignaturas para todos os romances e demais obras.

Aos estudantes fazem-se 5 % de desconto em todos os livros. (512)